

**EXPERIÊNCIA E DOCÊNCIA: INQUIETUDES SOBRE A FORMAÇÃO EM  
TEMPOS DE CLICATIVISMO.**

*EXPERIENCE AND TEACHING: RESTLESS ABOUT TRAINING IN TIMES OF  
CLICKONIVISM.*

Alice Mattos Machado<sup>1</sup>

Universidade do Vale do Rio Sinos - UNISINOS

Daianny Madalena Costa<sup>2</sup>

Universidade do Vale do Rio Sinos - UNISINOS

RESUMO

O artigo retoma as discussões sobre a reflexão docente e as experiências vivenciadas em tempos líquidos (onde o clicativismo e mercantilização se fazem presentes) compreendendo-as como conhecimento significativo e potente para sua aprendizagem a partir da alternância (alter-ego). Deste modo, pensar sobre os impactos que as ferramentas digitais têm engendrado no cotidiano das escolas ao deparar-se com os sentidos ativos e hiperativos que o digital produz e seus latentes efeitos se faz necessário, pois a atenção ao conhecimento acadêmico parece ter sido perdida em detrimento das potencialidades oferecidas pelas redes. Sendo assim, olhar para o professor e seu espectro de ação (que inclui elementos da saúde mental, emocional, relacional, além de outros), se faz célere ao exercício formativo, pois, diz sobre o tempo de pensar, um debruçar na compreensão conceitual produtiva entre o homem e a máquina.

Palavras chaves: Digital; Experiencias; Formação docente; Transformação humana.

ABSTRACT

The article resumes the discussions about teacher reflection and the experiences experienced in liquid times (where clickativis and mercantilization are present) understanding them as significant and powerful knowledge for their learning from alternation (alter-ego). Thus, thinking about the impacts that digital tools have engendered in the daily life of schools when they come across the active and hyperactive senses that digital produces and its latent effects is necessary, because attention to academic knowledge seems to have been lost to the detriment of the potentialities offered by networks. Thus, looking at the teacher and his spectrum of action (which includes elements of mental, emotional, relational health, and others), is quick to

---

<sup>1</sup> Mestra em Gestão Educacional Universidade Vale do Rio Sinos (UNISINOS). Especialista em Neuropsicologia pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Especialista em Psicopedagogia pela Centro de Estudos e Terapias Integradas de Salvador (CETIS) chancelada pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP). Graduada em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) Orientadora Educacional no Colégio Antônio Vieira (CAV), Salvador, Bahia, Brasil. Rua Sócrates Guanaes Gomes, 44, ap. 902, Candeal, Salvador, Bahia, Brasil, CEP 40296720. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-8498-6038>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3466163370636293>. Email: [alicemmachado@gmail.com](mailto:alicemmachado@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação, Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS) graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS). Professora permanente do Programa de Pós- Graduação em Gestão Educacional, Mestrado Profissional, da Universidade do Vale do Rio Sinos, Porto Alegre, RS, Brasil. End. Institucional: Av. Dr. Nilo Peçanha,1600 – Boa Vista, Porto Alegre, RS, CEP91330002. ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-7045-0259>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7960706094337238>. Email:[daiannycosta@hotmail.com](mailto:daiannycosta@hotmail.com)

exercise, because, it says about the time of thinking, a dwell on the productive conceptual understanding between man and the machine.

Key words: Digital; Experiences; Teacher training; Human transformation.

## RESUMEN

El artículo retoma las discusiones sobre la reflexión docente y las experiencias vividas en tiempos líquidos (donde los clickativis y la mercantilización están presentes) entendiéndolas como conocimientos significativos y poderosos para su aprendizaje desde la alternancia (alter-ego). Por lo tanto, es necesario pensar en los impactos que las herramientas digitales han engendrado en la vida cotidiana de las escuelas cuando se encuentran con los sentidos activos e hiperactivos que produce lo digital y sus efectos latentes, porque la atención al conocimiento académico parece haberse perdido en detrimento de las potencialidades que ofrecen las redes. Por lo tanto, mirar al maestro y su espectro de acción (que incluye elementos de salud mental, emocional, relacional y otros), es rápido de ejercitar, porque, dice sobre el tiempo de pensar, una morada en la comprensión conceptual productiva entre el hombre y la máquina.

Palabras clave: Digital. Experiencias. Formación del profesorado. Transformación humana.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, as ideias que foram redigidas têm o objetivo de retomar, ampliar e contribuir com as complexas discussões acerca da reflexão docente sobre as suas experiências (num tempo de liquidez, clicativismo e mercantilização), compreendendo-as como conhecimentos significativos e consistentes para sua aprendizagem a partir da alternância (alter-ego).

Cabe registrar que esta escrita surge e consequência de uma pesquisa bibliográfica realizada para o mestrado profissional, em Gestão Educacional, no ano de 2022. Sobre isso, nos sustentamos em autores que estudam esse tempo tecnológico/digital, as conceitualizações e valorizações das lógicas de mercado e como essas experiências vão impactando as diversas formas de movimento do ser humano (dos estudantes) sobre o cotidiano escolar, sobre a aprendizagem e, consequentemente sobre o mundo. Apoiamo-nos em Bondía (2021) ao trazer o entendimento sobre a experiência e a possibilidade de transformação a partir do modo que ela me/nos impacta, move, forma. Bauman (2012) e Sibilía (2016), também, apresentaram contribuições ao destacarem a atenção para os tempos líquidos e voláteis que o neoliberalismo, alinhado ao tecnológico/digital imprime à vida humana tornando-a acelerada e tribulada a tempos e momentos de reflexão (docente). Já Dardot (2016), Laval (2016), Biesta (2013) e Han (2021) enriqueceram as reflexões quando nos direcionaram a refletir sobre os conceitos utilizados no contexto escolar e, como estes entendimentos, dentro da lógica neoliberal têm levado à transformação humana segundo a racionalidade do desempenho e da produção, desgastando o ser humano física, mental e emocionalmente ao se associar às circunstâncias do mercado.

O estudo conduziu reflexões sobre o cotidiano escolar vivenciado pelos docentes nos tempos modernos, quando se observa o ritmo hiperativo que o digital tem produzido e suas desmedidas consequências sobre o comportamento humano (dos estudantes). Sendo assim, voltar a atenção sobre o docente e sobre sua formação no que tange ao amplo espectro que tem abarcado,

se faz necessário, pois, diz respeito à reflexão crítica do seu exercício formativo em contraponto à concorrência digital densa e intensa a qual nós, seres humanos, temos nos conceituado e nos submetido.

Deste modo, os tempos convidam um repensar da escola, e acreditamos que esse movimento inclui e implica a revisita ao lugar do educador e à concretude do seu fazer, compreendendo a sua ação educativa como aprendizagem em substancial originária das experiências vivenciadas no cotidiano transformador, nas alterações e alteridades (alter-ego). Cabe dizer que, este sentido dar-se-á mediante uma proposição cíclica na possibilidade de alterar e ser alterado a partir das vivências e trocas de experiências (formativas) que se tornam conhecimento.

Bondía (2021), nos mobiliza ao trazer uma reflexão sobre a experiência. Para o autor, ela “tem a ver com a formação e com a transformação do sujeito”. E acrescenta suas ideias sobre o quanto a experiência pode proporcionar para uma vida mais interessante.

Uma educação mais experiencial seria uma educação mais vital, que tem a ver com viver mais intensamente, com que a nossa vida seja mais viva, que esteja mais cheia de vida, e de uma vida também, por que não dizer mais consciente, mais inteligente, mais interessante”. (BONDÍA, 2021)

Assim sendo, a experiência não é simplesmente o que acontece, mas amplamente o que me/nos acontece, o que acontece com a subjetividade humana que, na relação alteração e alteridade muda, transforma e inova.

Pensar sobre a representatividade da educação, no mundo, remete a ideia do quanto é uma área especial, pois ela contempla a própria “modelagem” humana e seu jeito de ser e estar na construção do mundo, favorecendo mudanças e transformações subjetivas e objetivas. Com base nesta afirmação, Bauman (2012) nos enriquece quando propõe a olhar para os diversos comportamentos sociais que têm emergido nos “sujeitos”. Sustentado no conceito da modernidade líquida, cuja definição envolve a liquidez e a volatilidade que desorganiza as variadas esferas da vida, o autor localiza o capitalismo cognitivo como objeto central chamando atenção para as variadas justificativas que são dadas às atitudes cotidianas, transitadas de uma ação produtora para um comportamento consumidor originário da globalização. Ele nos mobiliza, ainda, a refletir sobre o enfraquecimento das fronteiras que possibilitam acessos e, provocam mudanças humanas e sociais.

Utilizando o simbolismo do interregno, entendido como o momento em que as pessoas não sabem como agir quando a fonte de autoridade se sucumbe, Bauman (2012), ilustra a ideia de que não há mais a “ordem do dia”. As comunicações não mais acontecem considerando uma sequência prioritária, desorganizando, assim, o ritmo da vida. Ritmo este, que tem se mostrado numa pulsação cada vez mais rápida, acelerada, refletindo, portanto, no nosso modo de ser, de mover, de proceder e de conduzir as relações sociais, ou seja, impactando no comportamento humano. Nesse percurso, Han (2021) compreende que essa aceleração, a qual estamos submetidos,

tem impingido rotinas em que acontece muitos inícios e nenhuma conclusão. Os sujeitos são continuamente estimulados a ritmos externos, sem respeito algum às suas próprias individualidades e ao compasso que as coisas têm (HAN, 2021).

Em contínua análise a esses comportamentos, Saraiva e Loureiro (2019), se debruçaram sobre a intenção da supremacia digital que, segundo os autores, incita a continuidade e a participação humana por meio do compartilhamento de conteúdo baseado no uso das ferramentas digitais (internet). Definem esta ação como “clativismo” e, entendem que, um novo comportamento social dissemina-se, incluindo e, permitindo o sujeito a estar disponível para o mundo, implementando um novo jeito de ser e de estar nesta conexão e nesta relação consigo mesmo e com o outro, subjetivando e subjetivando-se. O que aqui podemos considerar é o quanto essas atitudes de clicativismos, ou seja, de uma dinâmica “desvairada” de cliques, podem estar relacionados a um ritmo que não permite enxergar os inícios e os fins (HAN, 2021) – às conclusões dos processos, ou seja, “as estruturas próprias de sentido e tempo” (HAN, 2021, p. 13) são também inviabilizadas. Diria ainda, numa nova conexão com o próprio conhecimento.

Iniciamos a discussão a partir das relações que se estabelecem entre a disseminação da conexão em rede pelas vias da educação escolarizada e em como tal investimento cria as condições de possibilidade para a constituição de um tipo de sujeito que incorpora seu modo de ser e estar às condições da lógica neoliberal e a necessidade de estar disponível para acessar e ser acessado. (SARAIVA E LOUREIRO, 2019, p. 59).

Sibília (2016), afirma que “os tempos mudaram e os valores, também, portanto estes novos recursos (tecnológicos/ digitais) se apresentam como conjunto inovador de possibilidades comunicativas, mas, também, como um grande laboratório para criação intersubjetiva, com incalculáveis efeitos socioculturais”. (SIBILIA, 2016, p.111).

A atenção humana tem sido uma valiosa mercadoria disputada pelos meios digitais quando nós, “sujeitos mortais” produzimos conhecimento e disponibilizamos nas redes (e aparecemos) para chamar a atenção do outro expectando pelos diversos likes, comentários e aprovação do mundo. Contrapartida, se faz devastador quando estes se refletem em reprovação levando o humano ao cancelamento. Entretanto, esta mesma atenção se faz pouco valorizada quando é desperdiçada sobre as redes digitais tragando nossos tempos e induzindo e/ou influenciando nossos pensamentos e ações. Para Pitano (2022), “de tão enraizada, a subjetividade maquínica configura um comportamento instintivo, autoimposto pelo sujeito que se apropria e é apropriado pelas suas características, consolidando um padrão normativo”. (PITANO, 2022, p. 80)

Sendo a escola, uma instituição que lida com seres humanos precisa sentir-se convocada a refletir sobre os modos de ser e de proceder da sociedade a partir dos impactos que essas ferramentas têm engendrado na vida humana, na vida dos estudantes pois, estes resquícios têm refletido na escola e conseqüentemente nas aprendizagens. E, em assim sendo, focar na formação

docente e no grande cotidiano experimental, se faz expressivo rumo às mudanças e inovações necessárias para que escola e sociedade harmonizem seus diálogos que por vezes e, muitas vezes, nos parecem desalinhados.

Nos últimos anos, entre 2020 e 2022, vivenciamos uma crise sanitária pandêmica (Covid-19) e, junto a ela, o digital tomou fôlego, inserindo-se na vida cotidiana de forma dominante, densa e intensa, adentrando e consumindo os nossos tempos e espaços numa pulsação produtora frenética. A escola, no trato da produção de conhecimento, também se compatibilizou a esse movimento, considerando as muitas nuances experienciadas, muitas delas de modo positivo. Entretanto, em polaridade, tem travado enormes desafios ao deparar-se com os sentidos ativos e hiperativos que o digital produz e seus latentes efeitos sobre os estudantes e sobre a escola, pois, a atenção ao conhecimento acadêmico e ao próprio sentido de humanidade, parece ter sido perdida em detrimento das potencialidades e hiperatividade oferecidas pelas redes. Isto posto, compreendemos que o cotidiano vivenciado pelo docente, principalmente nos tempos de clicativismo, se faz insumo considerável à mobilização de novos sentidos para a educação. Reinventar a linhagem da formação docente se faz necessário, destacando a atenção a elementos que direcionem à “cientifização” das suas práticas, dos seus saberes conduzindo, assim, reflexões profundas e mudanças pedagógicas mais rápidas e, quiçá mais eficazes, no tocante à “modelagem humana” e às suas aprendizagens.

Grandes nomes da academia e seus listados currículos são excessivamente valorizados nas diversas formações proporcionadas nos campos da educação, posicionando os docentes formantes a assistirem os grandes palcos expositivos e, transmissivos que objetivam contribuir com uma mudança de postura mais significativa, na educação, diria ainda, mais efetiva. Contudo, mesmo reconhecendo que esses eventos possam favorecer a aprendizagem e absorção de elementos novos e significativos para este campo, nos parece que os deslocamentos educacionais não se cadenciam na mesma proporção. Afinal, a aprendizagem depende da participação da pessoa que está se dispondo a rever suas posições. Numa metodologia de transmissão de conhecimento como isso pode acontecer? Para Freire, palavras sem sentido são improdutivas ao ato comunicativo tornando-se falácia que, por sua vez, destituída da ação reflexiva, não implica, não compromissa e, conseqüentemente não transforma. Para o autor “a palavra, nestas dissertações se esvazia da dimensão concreta que deveria ter ou ainda, se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não a dizer”. (FREIRE, 1978, p. 65). Vale registrar, também, que não estamos propondo uma formação mágica, com respostas imediatistas ou milagrosas diante daquilo que se é apresentado/ refletido ao docente nas suas formações, mas precisamos obter resultados mais competentes, distintos dos que estamos

acostumados, ou seja, estabelecer relação comunicativa que desaprove a mera transmissividade, adotando possibilidades de ação mútua que despertem sentido, mobilizando o alter-ego. E, cabe, sim, indagarmos o porquê não os estarmos conseguindo, ao longo dos tempos. E, ainda, por que as escolas estão sempre atrasadas na lida com temáticas e assuntos do hoje, se é o hoje que os professores vivenciam? Como equiparar ou avançar sobre esses tempos (e temáticas) reflexivos quando falamos de educação escolar?

Somos ciência! Os professores precisam se deslocar sobre a causa educacional que é sua e, cada vez mais, se conscientizar de que as salas de aula, bem como o cotidiano das nossas escolas são magníficas oficinas de pesquisas capazes de fornecer dados estatísticos atualizados que podem e, devem ser transformados em conhecimento e, em partilha, em crescimento, em mudança, mobilizando alterações e alteridades mais significativas e efetivas. Precisamos questionar sobre a profissão docente e sobre o sentido desse fazer! Por que a docência tem aceitado que a pesquisa ou o conhecimento daquele que pratica – formante contínuo – só é validada nos livros, fora do seu campo de aprendizagem? Por que a educação tem sido tão redundante, sustentando estes tempos de liquidez e de clicativismo, na repetição maquinal, quando temos a possibilidade de registrar, de modo quase exclusivo, as práticas vivenciadas neste diário de bordo experienciado no cotidiano da escola? Possível que os próprios docentes não estejam conseguindo obter essa percepção, talvez, até, por estarem engasgados numa labuta de sobrevivência dentro das muitas instituições de ensino, embrenhados a uma baixa valorização capital da profissão.

A implicação da docência ao seu fazer crítico deve imbuir-se, não só de automobilização, mas de mobilização, intuindo atestar e contestar sobre as formas de aprender as quais a escola está sendo maquinalmente submetida. A mente humana é dotada de capacidades ilimitadas e, a neurociência, ainda de forma tímida, tem beirado a educação na busca de corroborar com a inércia a qual, a escola, nos parece submetida.

Seguimos, ao longo dos anos, focados a discutir os problemas que envolvem a complexidade da formação docente, mas estamos realmente atentos ao que se passa com o docente e sua formação, bem como o que está por trás desta difícil mudança. Será que distintas forças ou interesses, de forma subjacente levam a negligência sobre a necessária reflexão, acolhimento e valorização cabíveis ao formante docente e às suas relações alter-ego?

Visando alargar reflexões sobre as redes digitais ou sociais, Bauman (2012), nos alerta sobre o perigo da comercialização da moral humana nestes variados espaços virtuais quando esta (internet) não devota os tempos da família, do trabalho e do lazer, delegando protagonismo a partir do próprio consumo, em meio ao entendimento equivocado sobre a produção de conhecimento. E aqui nos remetemos a Biesta (2013), quando destaca a importância de trabalharmos, na escola,

os conceitos e localizá-los em suas conjunturas. Bondía (2021) nos acresce ao chamamento para essa reflexão quando disse:

Eu percebi muito cedo que estava tendo lugar para uma colonização econômica da língua da educação, com palavras como inovação, qualidade, recursos ou resultados, que são palavras mais da empresa do que da sala de aula. [...] Toda essa retórica das competências, do aprender, do aprender a aprender como se a escola fosse uma máquina de produzir aprendizagens. (BONDÍA, 2021)

Diante disso, junta-se o momento de mercantilização que vivemos, em que homens e mulheres são peças de uma maquinaria que agudiza a concorrência e o empresariamento de si mesmo(a) (HAN; 2017; BAUMAN, 2012; DARDOT; LAVAL, 2016; PINTO; COSTA, 2022). Nesse estágio do neoliberalismo “Toda a situação que não corresponde às condições da concorrência pura e perfeita é considerada uma anomalia que impossibilita a realização da harmonia preconcebida entre os agentes econômicos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 135). Somos, por isso, sujeitos empresariais. Dito ainda de outro modo,

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos. Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal se tornam arcaicos. (HAN; 2017, p. 23-24).

Somos empresariais ou estamos em transição. Falamos de desempenho, de produção e de máquinas. E, em ritmo desenfreado estamos nos tornando ausentes de “face e de identidade, operando de maneira onipresente sobre a totalidade do sujeito, do seu corpo (biológico) e da sua mente (seu cognitivo)”. (PITANO, 2022, p. 81). A sociedade disciplinar gera loucos e delinquentes, ao contrário da sociedade de desempenho que tem produzido sujeitos depressivos e fracassados em escala precoce e crescente, pois, fustiga o eu, acessando a subjetividade humana.

Já pensamos sobre os conceitos que se escondem por trás de alguns discursos ou expressões a exemplo: Just do it! (Simplesmente faça!) ou ainda, Yes, we can! (Sim, nós podemos!)? Essas são expressões de interesses do capital que não nos convidam a pensar, pelo contrário, nos induzem hiperativamente a esse distanciamento, levando-nos apenas a agir de maneira impulsiva, acelerada, no ritmo da produção e do desempenho, de forma automática, maquinal.

Comungamos com uma vida proporcionada por uma melhor qualidade, seja no aspecto mental, emocional, corporal ou outro. Contudo, fluidamente (tempos líquidos), temos vivenciado um cotidiano hiperativo, acelerado, observando (ou não) o viver se revelar impulsivo, não reflexivo e não pensante, condicionado a um contínuo estímulo produtor e reprodutor, ininterrupto, em uma concorrência desleal e desenfreada aos modernos maquinários da contemporaneidade que aplicam e replicam incansavelmente o mesmo, do mesmo. Cada vez mais somos exigidos e exigimos, de nós e dos outros. Somos empreendedores intensos, incansáveis, inclusive para descartar (próprio do consumo), cancelar. Coisas e pessoas estão sendo colocadas na “mesma

embalagem”, com um ar chique de desapego gerando enormes vazios psicológicos e, ainda, suprimindo “todos os indícios de descuido e fragilidade humana”. (SIBILIA, 2016, p. 119). E, Pitano (2022) complementa:

Conicionados aos limites da mente, o cibertempo, hiperexplorado, compromete a já frágil condição humana do século XXI levando-a a desestabilização. Competências humanas básicas, tais como a sensibilidade, a compreensão e empatia são aniquiladas em meio ao império do binarismo funcionalista. A atenção contemplativa e empática se transforma em hiperatenção, forma dispersa e intolerante ao tédio, necessário ao ser humano para a reflexão criativa. Com a anulação da atenção duradoura, se rarifica a escuta, pois o sujeito hiperativo se torna incapaz de exercê-la. (PITANO, 2022, P. 83)

Não tem sido distinta essas percepções dentro da escola. Alunos e professores intolerantes e intoleráveis, esgotados, dispersos. O interregno é visível. Este é um tema da escola, pois ela o vive. O que fazer sobre sua matéria prima que é o estudante? O que fazer com os professores? E estes, o que aprendem (ou deveriam aprender), percebem e/ou fazem nesse cotidiano acelerado já que são sujeitos vívidos destas experiências, de relações que são inerentes à sua prática? Precisam conectar-se ao pensar sobre o que “me/nos acontece” nos espaços escolares, sobre os reflexos “das produções” e do desempenho (digital/neoliberal) e como estes têm impactado as suas vidas, as nossas vidas e a dos seus/ nossos estudantes em todas as dimensões. A escola precisa fazer parte dessa ação discursiva, em defesa do humano, diria ainda, em defesa da própria humanidade.

Compreendendo que os elementos apresentados sejam de grande relevância para a escola, inclusive no que tange aos processos de produção de conhecimento, se torna tema necessário e urgente ao exercício formativo docente, pois, diz respeito a pensar sobre o tempo de pensar, necessitando de forma emergente um debruçar na compreensão da diferenciação produtiva entre o homem e a máquina, o homem “que quero formar”. Portanto, a escola precisa pensar o sentido da educação como viés de transformação humana, posicionando-se aberta a reflexões sobre as influências (do mercado) e como estas vão alterando os seus sentidos e as “nossas relações com os outros e sobre o nosso lugar no tecido social [...]; não nos privando de ter uma voz democrática na renovação educacional da sociedade.” (BIESTA, 2013, p. 42-43).

De fato, a tecnologia digital associada ao tempo neoliberal, oriunda de tal globalização foi, segundo Sibilía (2016), aos poucos compatibilizando-se com a nossa vida ou, talvez, tenha sido a nossa vida que tenha sido compatibilizada a ela, emoldurando um novo modo de diligência humana. Vivenciamos seres humanos mais irritados, impacientes, carentes de tempo. Corpos e mentes fadadas, cansados, adoecidas, fragilizadas.

Com a desterritorialização do corpóreo, a tendência é o surgimento de comportamentos agressivos e belicosos chamados por Berardi (2019) de retrofascistas e, que são entendidos como a consequência imediata do corpo ao sustentáculo da interação virtual. Cada membro segue a automatização imposta como princípio de inclusão, ignorando qualquer dimensão de reciprocidade. E, menos ainda, de afetividade. (PITANO, 2022, p. 83).

Vivenciamos um social agressivo e autômato seguindo velozmente e impensantemente com comportamentos consumidores e, sendo consumidos por essa era digital. As nossas experiências cotidianas de empatia ou de coletividade têm sido afetadas, pois estamos nos construindo e/ou nos reconstruindo dentro de uma voracidade e de uma velocidade assustadora, distinta de um próprio tempo necessário à reflexão de compreensão sobre tal ação. Para Sibília (2016),

A lógica da velocidade e do instantâneo que rege as tecnologias informáticas e as telecomunicações, com sua vocação devoradora de tempos e espaços ignorando todos os antigos limites, sugere profundas implicações nas experiências cotidianas, nas construções das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos. (SIBILIA, 2016, p. 89).

Como temos nos percebido neste veloz vivenciado? Qual permissão (nós docentes) temos para ações e conexões críticas e reflexivas sobre as nossas próprias produções com os sustentos ativos e hiperativos ao qual o cotidiano nos apraza? Quando nos questionamos sobre o mínimo da sala de aula nos indagando sobre os impactos dos excessivos estímulos (digitais) em nós e, nas nossas crianças e jovens? Em que momento vamos refletir sobre “a transformação do sujeito em autômato gerenciados pela conectividade virtual na qual o eu se totalitariza e o tu se restringe ao outro, abstrato, sem corpo, sem nome e sem história”? (PITANO, 2022, p. 85)

E sim, estes elementos têm nos impactado de forma robusta e pujante! Pensamos sobre as ações hiperativas e imediatistas as quais a todo instante nós mesmos estamos imprimimos nas nossas salas de aula e em nossa vida?

Estamos nos tornando seres impensantes, não porque queremos, mas por não possuímos tempo para tal fazer. A máquina é imparável! Pitano, 2022, acredita que,

Circulando em velocidades cada vez maiores, a informação bloqueia tanto o comportamento reflexivo (reflexão, afastamento e atenção) como o posicionamento político necessário às escolhas efetivamente livres. E, ainda, exige fluxo rápido e permanente que rechaça a atenção, (inclusive a nós mesmos) a reflexão, o afeto, a empatia (reconhecimento do outro)”. (PITANO, 2022, p. 84).

Estamos carentes da reflexão. A nossa liberdade está sendo de domínio do digital que nos molda e nos consome em todos os sentidos induzindo as nossas escolhas que acontecem em ritmo da produção.

Fazemos parte da “sociedade do cansaço” (HAN, 2017) e progressivamente estamos nos tornando seres velozmente consumidores e consumidos pela era digital, sem reflexão. Já nos perguntamos de que modo essas novas experiências têm nos alterado e, interferido na construção dos nossos subjetivos, possibilitando uma reorganização humana social e afetiva?

Para Sibília (2016), talvez “esteja o homo psychologus a buscar-se, a rastejar dentro de si um sentido fatalmente perdido”. (SIBILIA, 2016, p.103). Precisamos nos resgatar! Isso não

significa regredir e, nem suprimir uso das tecnologias, mas denotar reflexões sobre a própria identidade humana.

Diagnósticos e mais diagnósticos chegam às escolas. Os campos psicológico e psiquiátrico encontram-se fortemente desordenados pelas crises de pânico, de ansiedade, depressão (sociedade de desempenho) dentre outras manifestações patológicas. Os suicídios e as síndromes diversas emergem intensas e assustadoras de modo cada vez mais precoce. Faltam centramento e foco. Carece o tempo para que nós, seres humanos que, distintos do moderno maquinário fabril, possamos saborear, organizar e processar de forma crítica as informações que nos chegam. Falta tempo para pensar. “O eu do homo psicologicus parece desabar, pois, estes ambientes metamorfoseados germinam modos de ser alterando a forma de relação com o mundo e com os demais sujeitos, interferindo nas suas subjetividades”. (SIBILIA, 2016, p. 115)

A atenção do homo psicologicus se esvai, escapa. Parece que se encontra num momento limítrofe, tênue, que se perde entre o que é da realidade e o que faz parte da fantasia, talvez, levando-nos a não ser mais definidos por quem somos, mas pelo que achamos que somos ou, ainda diria, pelo que desejamos ser, engendrando conflitos sobre verdadeiramente quem somos.

Por entendermos que essas discussões precisam fazer parte da vida da escola, pelo fato de ter, esta instituição, um papel fundamental na vida da sociedade, defendemos a necessidade de a formação docente apresentar uma estrutura profundamente reflexiva que contribua e impulsiona os educadores às compreensões e (auto) conscientizações sobre eles mesmos e sobre o seu fazer, bem como os impactos destes (digitais) sobre a própria condição humana, ou seja, os reflexos das nossas ações pedagógicas (e não pedagógicas) para a própria construção social.

Inseridas no contexto da relação humana e/ou na relação alter-ego, urge evocar a (auto) consciência sobre a forma como estamos nos movendo no mundo, interferindo e nos deixando interferir nas relações, nos processos da produção de conhecimento e, ainda, deste sobre a próprio compasso que temos ritmado a vida humana. Não vamos ser ingênuos quando do trato com as redes digitais (internet), tudo que postamos nos impacta.

Diante do exposto, investir na ação formativa docente se torna cada vez mais fundante e, creditada à ação cotidiana deve ser valorizada pelo vivido, pela experiência, mobilizando um debruçar cuidadoso à ação do professor e às múltiplas funções as quais está sendo direcionado nestes tempos atuais. Se a função originária se compunha do ensinar, hoje, ele segue à mercê do ritmo acelerado das suas experiências, dedicando-se a tantos papéis cujo espectro inclui elementos da saúde mental, emocional, relacional, além de outros. E pior, precisa se dedicar, mesmo sem uma formação que favoreça sustento e ampliação das reflexões sobre tal. Convoca-se a olhar à ação

docente e às novas e diversas nuances que a contemporaneidade nos tem “convidado” a viver. E, sobre esta relação docente e seus múltiplos fazeres, estaremos a discutir na seção a seguir.

#### A FORMAÇÃO DOCENTE: ALTER/EGO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO.

Partindo da ideia de que o educador precisa ser convidado a refletir sobre sua existência, numa busca mais humana para qualificação da nossa própria humanidade, Biesta (2013, p. 26) descreve sobre o lugar do educador e nos ajuda a pensar sobre seu papel:

O papel do educador em tudo isso não é de um técnico, de uma parteira, mas tem de ser compreendido em termos da responsabilidade pela “vinda ao mundo” de seres únicos, singulares e em termos de responsabilidade pelo mundo como um mundo de pluralidade e diferença.

O autor localiza a importância da ação docente e sua responsabilidade com o outro despertando a sensibilidade para a pluralidade e diferença. Os professores devem ser instigados a pensar e a participar da criticidade reflexiva contida no sentido do aprender, do ser e, do estar no mundo, da potência do alterar e ser alterado. São protagonistas do “movimento educacional” e precisam estar implicados ao contexto (social e político) ao qual estão inseridos.

Despertar a sua consciência docente, sustentada por uma formação reflexiva é possibilitar a este indivíduo ser produtor de conhecimentos, mobilizador de reflexões direcionando holofotes sobre seu engajamento e suas alteridades, colaborando, assim, com a transformação do coletivo, subjetivando e sendo subjetivado. Para Carneiro; Silva; Reis (2022), “é a oportunidade de estabelecer ilações em relação ao trabalho pedagógico realizado cujos efeitos indicam (de forma auspiciosa) uma formação evocando produção de sentido, partilha e protagonismo discente”. E complementam:

Uma das evidências que a experiência docente expõe se refere à ausência de registro do trabalho pedagógico cujos professores realizam, independente de qual nível da educação, etapa de ensino, ou configuração de sala de aula ela sucede. Não raro, essa escassez de compartilhamento de experiências formativas decorre pela falta de condições objetivas - tempo para registro; logística de preparação, desenvolvimento e execução; incentivo a esse tipo de prática, dentre outras - somados aos limites formativos (despreparo) que de certa forma escamoteiam a elaboração de vivências desta natureza, ou mesmo de fatores de ordem subjetiva como medo, insegurança, sentimento de incapacidade, dentre outros os quais tangenciam o trabalho docente. CARNEIRO; SILVA; REIS (2022), p.2

A educação e o sentido formativo docente determinam-se ao propósito da participação, da produção, das autorias, das intencionalidades e da transformação. Dito isto, mobilizar inquietações sobre o próprio fazer docente é enxergar as nossas salas de aula como laboratórios, como potenciais cenários experimentais, favorecendo o diálogo com elementos da pesquisa e da formação, pois, a experiência educativa é plural e complexa. É multirreferencial. Permite ao docente uma reescrita sobre a própria noção de aprendizagem, distanciada aqui, do acúmulo capitalista, elevando o

professor a ser protagonista de si mesmo obtendo clareza e responsabilidade na construção de sua melhor versão e, conseqüentemente no movimento da socioconstrução.

Falamos de alteração de si, mas não sejamos ingênuos. Sabemos que esse despertar não depende apenas de uma formação, mas sugere a implicação responsável e o engajamento docente a, também, reconhecer seu lugar no mundo, percebendo-se frágil e incompleto, abrindo-se às possibilidades de mudança a partir do outro, da experiência que mobiliza sentimentos e emoções, que altera, favorecendo a busca de versões melhores de si mesmo, do outro, para, e com o outro. Com o mundo.

A abertura destes debates formativos nos espaços educativos precisam proporcionar ao docente compreensões mais profundas e críticas do seu papel em relação ao aprendente, à aprendizagem e à produção de conhecimento, deslocando-o a partir do pensamento crítico-reflexivo e, conseqüentemente, sobre a construção da sua autonomia e das suas autorias ao tomar consciência dos conceitos implícitos nas suas próprias práticas, nos seus próprios laboratórios diários quando confrontadas a novas e distintas experiências compartilhadas em ação formativa e plasmada colaborativamente. Ou seja, comprovando a importância da relação para o seu crescimento e para o crescimento da comunidade educativa. Precisam conhecer sobre quais bases ou aporte teóricos suas pedagogias estão sustentadas. Carneiro; Silva; Reis (2022), compreendem que, se admitirmos a premissa na qual um relato de experiência possa coadunar à rigorosidade metodológica e algum grau de pessoalidade, resultante de uma ação a qual insurge da prática docente abriremos grandes possibilidades para expansão de margens formativas.

A formação docente tem representado um grande desafio, pois tem sido difícil encontrar parâmetros adequados que fundamentem as mesmas, ainda mais considerando os diversos cursos oferecidos - geralmente ultrapassados e/ou sustentados em concepções meramente instrucionistas. Não podemos esquecer que o professor é o profissional que lida com a aprendizagem. Sua ação implica em atitudes, habilidades e visões distintas considerando a aquisição de saberes oriundos das variadas experiências vivenciadas. Relevante atualizar concepções rumo a uma aprendizagem significativa como resposta efetiva aos novos desafios expostos aos estudantes, principalmente nos tempos de liquidez e clicativismo vivenciados. Importante registrar que a formação docente deve envolver os sentidos da sua própria constituição, pois só assim, será significativa em prol da alteração e da alteridade.

Para Nóvoa, (2019) a contemporaneidade tem desvelado transições no campo da educação e, entende que necessitamos viver a complexa metamorfose da escola que atinge os professores e, precisa, também, atingir a sua formação. Critica o discurso excessivo e exagerado, desenvolvido no cenário educacional, no tocante à valorização de dimensões da educação (cognitiva) em detrimento

de outras (valores) que são postas para segundo plano. Denomina de “aprendixorbitância”. (NÓVOA, 2019, p.22). É evidente que vale aqui retomar sobre as influências que o digital, em tempos neoliberais, tem exercido em nosso cotidiano e a urgência que se instala na escola e na ação formativa docente em ampliarmos o olhar para as demais dimensões da educação (afetivo, emocional, relacional...), ao observarmos a presença sintomática dos impactos por ele causado interferindo, modificando as relações e as interações dos nossos alunos entre si, sobre nós mesmos e, sobre o próprio conhecimento. Todavia, fica o alerta para atentarmos e compreendermos sobre os conceitos que o campo da educação desperta sobre a sua produção de conhecimento que deve ser pautada na reflexão e não no consumo.

Dito isto, urge considerar os diferentes sentidos e possibilitar novos aspectos e diferentes estratégias sobre a ação formativa docente englobando as relações transversais estabelecidas entre sujeito, conhecimento e mundo e buscar novas perspectivas. “Aqui reside a diferença fundamental entre a linguagem da aprendizagem, que, em certo sentido, é vazia de conteúdo e propósito, e a linguagem da educação, que sempre precisa se engajar com questões de conteúdo, propósito e relações” (BIESTA, 2018, p. 23). Devemos pensar numa escola mais rica em experiências, mas também pensar em experiências mais ricas para o mundo, pois, para Bondía (2012),

A educação não está nem para o indivíduo, nem para a sociedade, mas para o mundo; para transmissão, a comunicação e a renovação do mundo. As pessoas educam-se entre si pela mediação do mundo. Isto é, o que está no meio é sempre o mundo ou algum fragmento do mundo.” (BONDÍA, 2021).

Assim sendo, se faz potencial conduzir o professor a ações profundamente reflexivas em suas formações direcionando um diálogo harmonioso com os variados elementos que o circundam favorecendo a construção subjetiva do homo psychologicus e a busca do seu sentido no mundo no tocante não só à sua autoconstrução, mas, também à sua socioconstrução.

Por outro lado, o professor, na lógica da via dupla, deve se posicionar sobre aquilo que é essencial e que agrega valor à sua vida, já que é sujeito produtor, pensante e deve agir como tal. Deve se posicionar e se implicar como protagonista, ser capaz de criticar a manipulação mercadológica, despertando sensibilidade, sentido e propósito à própria construção identitária.

Urge, na escola, na educação, em colaboração docente perguntar sobre os nossos limites e contenções, sobre o consumo excessivo, os tempos fluidos, as coisas, coisas e mais coisas que estão presentes, mas não fazem presença. Fundante indagarmos sobre a nossa busca frente às experiências educativas e correlacioná-las ao nosso propósito existencial.

Eis o desafio que se instala na instituição escolar frente ao contemporâneo. Imprimir ou sugerir caminhos que projetem valores na condução da liberdade humana, precisará contar com a implicação e o engajamento docente, pois, às vezes nos parece, pelo próprio despreparo, buscar as soluções para a vida num simples acionar de botão. Vamos nos perguntar sobre as nossas

prioridades? Sobre como recuperaremos ou retomaremos a lógica da fluidez temporal redirecionando o foco para a comunidade educativa possibilitando, certamente, ressignificar a própria vida humana ao subestimarmos a capacidade pensante, projetando sentido, alteração e alteridade ao professor e ao seu fazer, bem como àquilo que é próprio do humano?

Alarcão (2011, p. 25), se posiciona:

Para que os cidadãos possam assumir este papel de atores críticos, situados, têm de desenvolver a grande competência da compreensão que assenta na capacidade de escutar, observar e de pensar, mas também na capacidade de utilizar várias linguagens que permitem ao ser humano estabelecer com os outros e com o mundo mecanismos de interação e de intercompreensão.

Sendo assim, compreendemos que a ação formativa docente se faz um requisito fundante no contexto educacional, pois ao mesmo tempo em que se revela complexa, se direciona a uma especificidade quando a sua intencionalidade é a de aproximação ao contexto em que acontece. Por isso, reconhecer e acolher os conhecimentos docentes apreendidos em suas práticas e, entendê-los como elementos significativos para a reflexão educacional é possibilitar a expansão de competências e de multirreferenciais que compõem a relação alter-ego, capaz de provocar deslocamentos e mudanças fundamentadas na criticidade reflexiva.

## CONCLUSÃO

Concluimos o presente artigo destacando as necessárias discussões acerca da reflexão docente e suas experiências vivenciadas (em tempos de liquidez, clicativismo e mercantilização), compreendendo-as como conteúdo significativo para as aprendizagens a partir da alternância (alter-ego).

Sendo assim, despertar compreensões e pensamentos sobre os reflexos que o mundo digital tem apresentado no cotidiano escolar face ao ritmo ativo e hiperativo que este tem produzido, se faz considerável. Deste modo, olhar para o professor e seu espectro de ação (que inclui elementos da saúde mental, emocional, relacional, além de outros), se faz importante quando do exercício formativo, pois, refere-se a pensar sobre o tempo de pensar em detrimento da ação maquinal a qual nós, seres humanos, temos nos conceituado e nos submetido.

Temos a clareza que, para as concepções serem alteradas, elas precisam inquietar, precisam ser questionadas, confrontadas. Só assim mobilizaremos problematizações e autoanálises capazes de interferirem ao próprio fazer docente, possibilitando a potência integradora da transdisciplinaridade e da multirreferencialidade. As formações precisam se aproximar da ação do pensar, da metacognição crítica e reflexiva disponibilizando ao professor o seu compromisso.

Finalizamos, portanto, com a clareza que as formações devem ser ações favorecedoras ao mecanismo discursivo e transformador da educação principalmente, ao se valorizar, a própria

subjetividade humana (experiência), nestes espaços/tempos. Acolher esses relatos docentes e, possibilitar compatibilização ao rigor metodológico despertando clareza sobre as concepções utilizadas, resultante das ações sublevadas da prática docente, é abrir uma gama de possibilidades para ampliação de margens formativas. Para Freire (1987), esta seria a verdadeira libertação humana.

Ao se separarem do mundo, que objetivam, ao separarem sua atividade de si mesmos, ao terem o ponto de decisão de sua atividade, em si, em suas relações com o mundo e com os outros, os homens ultrapassam as “situações limites”, que não devem ser tomadas como se fossem barreiras insuperáveis [...] no mesmo que apreendem como freios, se configuram libertação.” (FREIRE, 1987, p. 58).

Assim sendo, haverá liberdade para tomada de decisões frente às possibilidades de ressignificação em confronto às relações estabelecidas consigo mesmo, com as experiências e com o(s) outro(o), em ação colaborativa, favorecendo aos formantes (docentes em formação) uma investigação sobre seu próprio sentido de aprender em ritmo de ação, reflexão e transformação, nestes tempos de clicativismo e liquidez.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos numa escola reflexiva**. São Paulo, Ed. Cortez, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt – **A crise do sistema que hipoteca o mundo** – G1.Globo. com/Jan. 2012.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano**. Trad. Rozaura Exchenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, Coleção Educação: Experiência e sentido, 2013.
- BONDÍA, Jorge Larossa – **Como o afeto e a experiencia afetam a educação**. 3º. Congresso LIV virtual/nov.2021
- CARNEIRO, Kleber Tuxen; SILVA, Bruno Adriano Rodrigues da; REIS, Fábio Pinto Gonçalves dos. **Experiências formativas advindas do programa residência pedagógica em uma universidade federal mineira**. Revista profissão docente, v.22 (47), 01-25, 2022.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2ª ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: em busca de um outro tempo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.
- NÓVOA, António. **Formação de professores e profissão docente**. Texto publicado em NÓVOA, António (Coord.). "Os professores e a sua formação". Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ISBN 972-20-1008-5. pp. 13-33. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4758>. Acesso em 31Out. 2020.

PITANO, Sandro de Castro. **Cultura de resistência: Paulo freire e a educação na (Ciber)cultura contemporânea**. São Leopoldo. Casa Leiria, 2022

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 5ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra. 1978

PINTO, Vinícius Soares. COSTA. Daianny Madalena. **Educação para o bem comum: uma contraposição à globalização neoliberal**. Revista Educação e Cultura Contemporânea. v. 19, n. 58, p. 407-424, 2022. Disponível em:

<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/9760/47968297> Acesso em 28/10/2022.

SARAIVA, Karla; LOUREIRO, Carine B. - **Da inclusão digital ao digital que inclui**. Cadernos de Educação – Faculdade de Educação – UFPel, n.62, jul/dez, 2019. P. 57 -72. – ISSN: 2178-079X – DOI: <HTTPS://DOI.ORG/10.15210/CADUC.V0I6.19144> Acesso em: 31/10/2020

SIBILIA, Paula – **O show do eu**. 2ª. ed. Rio de Janeiro. Contraponto, 2016

**Submetido em:** 24 de jan de 2023.

**Aprovado em:** 13 de mar de 2023.

**Publicado em:** 30 de abr de 2023.